

VIII Simpósio Nacional de História Cultural
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**PATRIMONIALIZAÇÃO DAS RUÍNAS DA CHAPADA DOS NEGROS
COMO ESTRATÉGIA DE DEFESA TERRITORIAL EM ARRAIAS-TO**

Rosângila Domingos Gualberto*

INTRODUÇÃO

A memória consiste em um componente essencial na concepção da identidade de um povo. Estudos sobre a memória indicam que sua característica é socialmente construída e que sofre flutuações e mudanças constantes.

Nessa perspectiva, observa-se que “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, pg. 203), isto é, o vivido não emerge jamais na sua integralidade, mas mediante recortes a partir do que se mostra como significativo e afetante para o sujeito do presente (onde se produz a memória).

Dessa forma, a memória é importante para a existência, preservação e fortalecimento de uma nação, sendo constituinte do processo de construção do efeito de pertencimento (ANDERSON, 2008). Por meio da memória, reconhecemos e diferenciamos um povo ou uma nação num determinado lugar.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar as estratégias de defesa territorial das ruínas da Chapada dos Negros em Arraias-TO. Desse modo, o presente trabalho está organizado em duas seções, primeiro traz um breve histórico para

* Mestranda em Estudos de Cultura e Território. Universidade Federal do Tocantins (UFT). Campus de Araguaína. Email: rosangilagualberto@yahoo.com.br

situar o objeto do estudo; e logo após, uma discussão sobre o processo de patrimonialização e análise da estratégia de defesa territorial dos moradores.

BREVE HISTÓRICO

O município de Arraias está localizado na região sudeste do Estado do Tocantins na divisa com o Estado de Goiás, a 420 km da capital Palmas. Teve início no século XVIII com a chegada dos Bandeirantes ao interior do Brasil para a descoberta e extração do ouro, assim o local teve suas primeiras habitações.

Por volta do ano de 1731, a região foi povoada por negros que eram escravizados no processo de mineração. Foi habitada também por vários grupos étnicos, como os akroás, Xakriabá, Xavante, Xerente, Krahô, Apinayé, Javaé, Xambioá e Karajá, como constam nos estudos de Apolinário (2006 e 2007) e Cordeiro (1989). No entanto, muitas crueldades foram cometidas, e muitas aldeias desapareceram. Nesse sentido, “a história das migrações colonizadoras está cheia de povoados e garimpos que surgiram e decaíram, deixando apenas vestígios das memórias espaciais do futuro dos pioneiros que criaram esses lugares” (LITTLE, 1999, pg. 14).

De acordo com Apolinário (2007), esses negros eram escravos fugidos das áreas mineradoras de outros arraiais. O local que fora ocupado por estes homens e mulheres negros que chegavam à região ficou conhecido como Chapada dos Negros. A partir daí estava fundado o Arraial da Chapada dos Negros, local situado na serra a 3 km da cidade, o começo de tudo e onde hoje ainda conserva ruínas de pedras construídas manualmente por escravos.

Há, ainda lá, vestígios de um grande povoado: Arraial da Chapada dos Negros, onde Arraias começou: ruínas de igreja, regos de capacitação de água de muitos quilômetros de extensão, diversos escombros de habitações coletivas e familiares. (CORDEIRO, 1989, pg. 14).

Segundo fontes escritas e orais, esta era uma região com grande potencial aurífero e uma das áreas que mais produziram esse minério na capitania do Norte de Goiás, que na época contava entre 10 a 16 mil escravos para garimpar na serra.

Com a descoberta de ouro e riqueza, por volta de 1740, muitos exploradores foram atraídos para a localidade, como é o caso do governador da província de São Paulo, D. Luiz de Mascarenhas que visitou aquela região na época tomando posse das minas auríferas e, juntamente com o capitão Felipe Antônio Cardoso e de muitos escravos,

transferiu a sede do arraial da Chapada dos Negros para o local onde hoje fica a cidade de Arraias.

É importante destacar que de acordo com fontes orais, no passado as terras onde se encontra a Chapada dos Negros, pertenciam à igreja Nossa Senhora dos Remédios padroeira do município, que, no entanto foram vendidas. Porém, hoje se sabe que essas terras são de propriedade privada pertencentes a um ex deputado federal do Estado do Paraná de nome José Domingos Scarpelini, com a existência de uma fazenda sede no local denominada Fazenda Guanabara.

Arraias trata-se de uma das cidades mais antigas do estado do Tocantins, sendo considerada uma cidade histórica observada por sua arquitetura de estilo colonial português, ruas e igreja e por predominar nas casas mais antigas, as iniciais dos patriarcas das famílias e o ano em que as foram arquitetadas. É conhecida como a “cidade das colinas”, pois, o município é cercado por muitos destes formatos montanhosos.

Destaca-se que a cidade possui um acervo cultural presentes no modo de vida dos arraianos. Práticas culturais, como, visita à Chapada dos Negros, entre outros, consistem nos modos de saberes e fazeres dos moradores de Arraias.



Figura 01: “Buraco do testa”
Fonte: Elaborado pela autora.

O buraco do testa consiste no local onde era retirado todo o ouro ou qualquer minério encontrado na Chapada dos Negros, são dois buracos lado a lado.

Conta-se que esse local recebe este nome devido quando os escravos ao adentrarem no buraco para a retirada do ouro, ao sair eles ralavam a testa. Daí a razão do nome.

Como explica o senhor José Reginaldo Ferreira de Moura, de 56 anos:

[...] Lá é onde tirava o ouro né, é porque o buraco do ouro é porque alguém não sabia do...do o por que que era buraco do testa, mas o buraco do testa é o mesmo buraco do ouro, é porque quando o negro ele descia quando ele subia ele era largo e ele tinha que subi na corda né e ele batia a testa na...na parede ficava com a testa ralada aí por isso que levou esse nome buraco do testa. E muita gente num entende né.

A narrativa explica o motivo do buraco onde se retiravam o ouro se chamar buraco do testa, pois, muitos ralavam a testa ao sair do buraco. As pessoas usam as duas denominações, no entanto, o buraco do testa é o mesmo buraco do ouro.

O ex-garimpeiro e ex-guia, o senhor Joaquim Ribeiro dos Santos, de 65 anos, narra a profundidade desses buracos, onde o mesmo conta que “um dá 33 metro e o outro dá 28 metro, [...] eu medi eles todos dois [...] ele já tá cheio devia ter mais né, mais um tem 33 metro o outro tem 28 e de um no outro é 1 metro mais ó meno.” Segundo Valdemir Nascimento Maranhão, de 58 anos: “eu medi esse aqui deu 22 e aquele lá deu 21”.

Dessa forma, percebe-se que não se sabe ao certo a profundidade desses buracos, pois, a ação do tempo e seres humanos inconscientes faz com que esses buracos acumulem muitos resíduos que implica na certeza de sua profundidade.

O senhor José Reginaldo narra em seu imaginário as circunstâncias e os perigos do trabalho que os escravos submetiam no buraco do testa:

[...] era nêgo de um lado e nêgo do outro era dois buraco paralelo um ao outro enquanto tava um cavando de um lado o outro tava cavando do outro. E ali quem descia num tinha a certeza que voltava. Não tinha. E num podia ficar lá porque fedia né, e tinha que trabalhar, tinha que subi.

Percebe-se que a retirada do ouro era um trabalho muito exaustivo para os escravos, esse tipo de garimpagem nas serras e chapadas exigia-se muito desses oprimidos. Conta-se que muitos não sobreviviam e não conseguiam retornar do buraco.



Figura 02: regos para a passagem de água
Fonte: Elaborado pela autora

Na Chapada dos Negros ainda existe os regos de passagem da água feito pelos escravos do antigo garimpo para a realização do procedimento de lavagem dos ouros retirado. Os mesmos criavam esses regos para passagem da água trazida da chuva.

Segundo o senhor Valdemir Nascimento Maranhão, de 58 anos conta que:

[...] fizeram o rego e quando chegou lá no local num deu pra...pra água, tinha uma baixada e eles nivelaram, então tem um muro de aproximadamente 2 metros e meio a 3 metros de altura, eles fizeram o rego dentro fizeram uma calapetagem com com uma argila que a água passou e foi pra eles lavar o cal lá na frente[...].

Devido a água da nascente do rio córrego rico não subir até a serra, então os mesmos criavam os regos e muros de pedra para passagem da água trazida da chuva para o local de lavagem do material.

PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO E ANÁLISE DA ESTRATÉGIA DE DEFESA TERRITORIAL

Para Choay (2006) patrimônio é uma palavra antiga que por um período foi ligada às estruturas familiares, que com o passar do tempo, por meio dos monumentos históricos originados durante a Revolução Francesa no século XVIII foram alegados como bens e como patrimônio e herança de todos, assim, entendendo o patrimônio como um conjunto de bens relacionados com a identidade, a cultura ou o passado de um grupo enraizado no espaço e no tempo.

Nolasco (2013) aborda que para entendermos o patrimônio cultural é necessário considerar que somos produtores de cultura e que expressamos cada um a sua maneira. Isso implica afirmar que as formas de nos expressarmos constituem a nossa cultura, que com as interações no mundo elas também vão se transformando num processo dinâmico de significação, e assim, sentimos pertencentes a um grupo social e construímos a nossa identidade cultural. Para o autor essa produção humana da cultura é entendida como patrimônio cultural.

Nessa perspectiva na Chapada dos Negros se encontram vestígios de um sítio arqueológico, onde estão presentes patrimônio materiais históricos e culturais que são inter-relacionados com as narrativas dos moradores sobre o lugar. Pois, “o patrimônio cultural de uma sociedade ou de uma região ou de uma nação é bastante diversificado, sofrendo permanentemente alterações, [...]”. (LEMOS, 2006, pg. 21). Nesse sentido, o patrimônio cultural de um lugar pode ser um local com várias marcas de eventos ocorridos, e assim, com variados bens.

O município de Arraias teve vivido a chegada de empresas mineradoras no ano de 2010, buscando explorar minérios, como o fosfato. Com isso, as ruínas da Chapada dos Negros localizada na serra próximo a instalação dessas mineradoras se tornou uma das áreas afetadas, que por sua história ainda desperta o interesse de empresas e aventureiros a procura de mais ouro.

O encarregado da Fazenda Guanabara, onde situa a Chapada dos Negros, Valdemir Nascimento Maranhão, narra o motivo do patrão interessar por essas terras:

O fazendeiro comprou isso aqui com a intenção de minerar mesmo, aí se deparou com a história da cidade aqui dentro uma série de coisa que... que implica né, e aí ele desistiu de uma vez por toda. Não se fala mais em minerar isso aqui. [...] Porque a intenção aqui era essa, era montar uma planta de mineração, lógico fora da chapada dos negros né, que onde tem menos minério aqui [...]. Porque o foco maior do minério aqui tá lá da onde o penhaço que nós paramos tá 2 km pra frente aí. A história da cidade ia continuar do mesmo jeitinho que tá ali num ia ser atingido em nada ali. Mas aí era muito caro, os estudos que foram feito pra ver se liberava pra minerar ou não, é muito caro, só a empresa de arqueologia aqui, cinco anos atrás ela pediu 450 mil reais pra fazer o trabalho e ainda assim ainda falô, não quer dizer que depois desse trabalho concluído o IPHAN vai liberar não ele vai pra lá pra ser estudado pra ver se libera ou não, aí diante de tanta dificuldade ele acabou desmotivado.

Diante das explicações de Valdemir, mostra que esta região ainda atrai muitos fazendeiros que por meio da procura por minérios se aproximam da região com o único objetivo de garimpar.

Nessa perspectiva, os moradores de Arraias argumentam que o patrimônio tornou alvo de ameaças com as empresas mineradoras, a utilização do local por parte do proprietário em minerar a região, e ainda o fato de no local ser onde ocorre a nascente do rio córrego rico responsável pelo abastecimento da água na cidade, o que poderá afetar a população. Assim iniciou-se um processo de defesas práticas e um conjunto de indivíduos envolvidos.

Essas ações, por sua vez, deram lugar à criação de projetos visando à sua preservação e mobilização por parte da população por meio de abaixo-assinado com o intuito de obter políticas de preservação do patrimônio histórico. Joaquim Ribeiro dos Santos conta o motivo da importância de preservação do local que, “ali é uma coisa...é uma história do começo de Arraias, que Arraias foi começada pela chapada dos negro, então... si ali o povo preservar pra toda vida pra mim é bom né, agora eles tão acabando com aqueles serviço lá e num pode”.

Dessa forma, entende-se por patrimonialização o conhecimento de um bem com valor e importância de patrimônio, ou seja, proteger um bem material ou imaterial por meio do estudo, salvaguarda e preservação e divulgação. A patrimonialização objetiva fomentar o desenvolvimento através da valorização e da revitalização do seu patrimônio cultural. (SIVA, 2011).

O morador José Reginaldo, Mestre de Capoeira, codinome Mestre Fumaça, por meio do grupo de capoeira, Associação Cultural Chapada dos Negros, uma instituição filantrópica criada pelo referido Mestre, em 1984, na cidade de Arraias – TO, vem há muito tempo lutando pela patrimonialização da Chapada dos Negros.

O Mestre Fumaça narra a importância do tombamento do local: “Então o tombamento pra mim hoje é primordial, sempre foi, aliás é o grande objetivo da associação, da capoeira é isso, que seja tombado a chapada dos negros como patrimônio histórico e cultural”.

O Mestre Fumaça Ainda relata a importância para o município:

O objetivo não é pra mim, não é pra capoeira, [...], então acredito que seja pra uma renda do município né vai ser uma coisa rendável pro

município, a história da nossa região ela vai ser ressuscitada a nossa história e juntamente com a história do negro eu por exemplo eu tô aí por isso né e a capoeira também vai ser fortalecida não só em Arraías como no Estado.

Dessa forma, Fonseca (2009) lembra que muitos tombamentos são obtidos por grupos vinculados aos movimentos negros por meio de resistências e lutas políticas. Principalmente os tombamentos de bens representativos da presença negra no Brasil.

Essas formas de defesas territoriais são como comenta Little (2002), exemplos de importância do lugar e de uma relação com um espaço físico determinado e as condutas territoriais criam um espaço político próprio, na qual a luta por categorias territoriais vira um local privilegiado de disputa, de fato, os lugares dessas ruínas representam algo de importância para os arraianos. Nesse sentido, as estratégias da população mostram a importância que se deve dar à cultura e à tradição de um povo.

As estratégias de defesa territorial juntamente às mobilizações da população, professores, estudantes e a Secretaria de Cultura do Município, resultaram numa vitória no local por parte do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Com a presença de um arqueólogo realizada no dia 17 de julho de 2014, o órgão apresentou um parecer técnico nº 78/14. 2014 sobre a vitória arqueológica ao sítio Chapada dos Negros.

O parecer consta que a Chapada dos Negros é inegavelmente um sítio arqueológico e de valor histórico, arquitetônico, afetivo e pedagógico. Dessa forma é um bem da União protegido pela lei Federal nº 3924/1961 que trata da proteção aos monumentos arqueológicos e pré-históricos, no entanto, qualquer ato de destruição ou que prejudique o bem, “será considerado crime contra o Patrimônio Nacional e, como tal, punível de acordo com o disposto nas leis penais”.

Com isso entende-se que as ruínas da Chapada dos Negros por mais que não sejam reconhecidas legalmente são protegidas conforme os parâmetros da referida lei diante das ameaças que os moradores temem. Porém, ainda não há elementos que justifiquem um tombamento do bem e provas científicas para sustentar a oralidade e a memória dos moradores.

Considerando que para o IPHAN, os locais que se encontram vestígios positivos de ocupação e atividade humana como grutas, lapas e abrigos sob rocha são considerados sítio arqueológico, a ruína da Chapada dos Negros constitui um sítio arqueológico. Nesse

sentido, esses sítios têm proteção legal e, quando são reconhecidos pelo órgão, devem ser cadastrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA). A Chapada dos Negros, mesmo com sua importância de patrimônio, ainda não foi inserida no CNSA.

O reconhecimento da Chapada dos Negros como Patrimônio Histórico e Cultural e de sua importância para a história do município e da região possibilitou para um tombamento a nível federal na categoria “Sítio arqueológico”. O processo de tombamento, aberto em 1989, se encontrava em INSTRUÇÃO, porém, após o parecer técnico em 2014, o processo hoje se encontra na situação de INDEFERIDO.

UF	Município	Classificação	Nome atribuído	Número Processo “T”	Ano de abertura	Situação
TO	Arraias	Sítio arqueológico	Reserva arqueológica: Chapada dos Negros	1294	1989	Indeferido

Tabela 01: Dados referentes ao processo de tombamento da Chapada dos Negros.

Fonte: Disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Tombados%20Dez%202015.pdf>. Acesso em 18 dez. 2016.

Sendo indeferido o processo de tombamento da Chapada dos Negros, pelo IPHAN, houve a recomendação por parte do órgão de que a Prefeitura Municipal de Arraias realizasse o tombamento municipal do sítio. Portanto, cabe ao poder público local a elaboração de leis que assegurem a proteção do bem.

O conjunto de defesa territorial pelas ruínas da Chapada dos Negros e suas narrativas em torno a essas ruínas, promovem a construção e a manutenção de sentidos associados à cultura local, à memória e ao patrimônio histórico. As narrativas sobre essas ruínas em Arraias estão vinculadas à memória das pessoas, considerando que os sentidos não estão nos objetos ou no mundo, mas na ação dos sujeitos que emprestam sentidos ao mundo e a si mesmos (LANDOWSKI, 2001).

Considerando que a memória é um fenômeno construído socialmente, há uma relação com a identidade que se dá por meio da construção do sentido de si e para o outro. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência ao outro, aos

critérios de aceitabilidade e aos grupos no qual pertence. Dessa forma, a memória gera conflitos entre pessoas no interior de grupos diversos, pois, existem muitas memórias que tornam difícil o convívio na sociedade.

Little (1999) argumenta que o conflito surge quando um grupo acredita que sua memória coletiva consiste em ser mais legítima que a dos outros, devido a suas afirmações de maior verdade da sua memória ou ao acreditar que seu aspecto histórico seja maior que o do outro. Todavia, a identidade pode se ampliar, à medida que a identidade de um grupo passa, entre outras coisas, pela relação com os territórios construídos com base nas suas respectivas interpretações do universo.

Para Tuan (2013) lugares muito queridos não são necessariamente visíveis, quer para nós mesmos, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis por de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros lugares, proeminência visual e o poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Nesse sentido, a Chapada dos Negros se torna um lugar visível devido às estratégias de defesa territorial que faz com que a população mobilize o local adquirindo importância e significado.

A partir da relação que os moradores adquirem com aquelas ruínas vão surgindo os sentidos para o lugar. Essas narrativas vão sendo experimentada pelos sujeitos e assim fazendo sentido em função de suas práticas específicas, pois, o sujeito vai agir de acordo as suas interpretações. A identificação desses lugares por um determinado grupo representa uma das formas mais importantes de atribuir um significado e sentimento a esses espaços.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Dessa forma, para não concluir, entende-se que o exercício da memória é uns dos fatores que possibilita um povo a entender a sua comunidade, e a partir do local onde se vive possa construir a sua identidade, pois, uma vez que se identifica com o local, o indivíduo passa a contribuir para o desenvolvimento da comunidade e criando raízes. As ruínas da Chapada dos Negros são características da construção da identidade africana e afrobrasileira dos moradores de Arraias, elas são testemunhos de um fato e por trás delas vivem histórias.

A Chapada dos Negros considerando os seus aspectos históricos e arqueológicos, consiste num Patrimônio Histórico e Cultural, que esporadicamente

recebe visitas turísticas de pesquisadores e estudantes. De fato, as suas ruínas necessitam de estudos de identificação do sítio arqueológico, assim como outras ações necessárias e adequadas para a realização de um turismo sustentável. Está relacionada a um bem onde é possível conscientizar os indivíduos proporcionando-os a adquirir conhecimentos para compreensão da história local, e adequando-os a sua própria história, sendo assim, importante para a identidade histórica e cultural dos moradores.

Contudo, essa discussão sobre a patrimonialização das ruínas da Chapada dos Negros bem como as suas estratégias de defesa territorial não se encerra por aqui, ao contrário, nos provoca a ampliarmos cada vez mais o diálogo e aprofundar em suas construções, e dos sentidos em torno dessas ruínas e da memória do lugar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução: J. Oliveira Santos e A. Ambrosio de Pina. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1996.

ANDERSON, Benedict R. Memória e esquecimento. In: _____. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **Escravidão negra no Tocantins colonial: vivências escravistas em Arraias (1739-1800)**. 2ª ed. Goiânia: Kelps, 2007.

_____. **Os Akroá e outros povos indígenas nas Fronteiras do Sertão: políticas indígena e indigenista no norte da capitania de Goiás - Século XVIII**. Goiânia: Kelps, 2006.

BRASIL, Presidência da República Casa Civil. **Lei nº 3.924/1961**. Brasília: 1961.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CORDEIRO, Rosolinda Batista de Abreu. **Arraias: suas raízes e sua gente**. Goiânia, 1989.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 3. ed. Rev. Ampl. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. Superintendência em Tocantins. **Vistoria arqueológica ao sítio Chapada dos Negros, no município de Arraias, TO**. Parecer técnico nº 78/14. 2014.

_____. **Bens tombados e processos de tombamentos em andamentos.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Lista%20Bens%20Tombados%20Dez%202015.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2016.

LANDOWSKI, Eric. O olhar comprometido. In **Fórum semiótica da comunicação política. Galáxia.** Tradução de Ana Claudia de Oliveira e Márcia da Vinci de Moraes. 2001.

LEMONS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção Primeiros Passos).

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração: por uma teoria de reterritorialização. In **Revista de Pós-graduação em História da UnB.** 1999.

_____. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia.** N°. 322. Brasília: Departamento de Antropologia. 2002.

NOLASCO, R. Genilson. Introdução: a faces do patrimônio cultural. In: PEDREIRA, Antonia Custódia (org.). **As diferentes faces e interfaces do patrimônio:** registros para preservação e memória. Palmas: Editora UNITINS, 2013.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. In **Revista de Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

SILVA, Sandra Siqueira da. A patrimonialização da cultura como forma de desenvolvimento: considerações sobre as teorias do desenvolvimento e o patrimônio cultural. **Revista Aurora.** Montes Claros –MG, n 7. 2011. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1248/1115>>. Acesso em: 14 de dez. 2016.

TESKE, Wolfgang. **Chapada dos Negros, Arraias – TO. Encantos, lembranças e ameaças.** 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sYK-BSqb_fE>. Acesso em: 01 de ago. 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.